

As enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul como acontecimento: uma análise das fontes acionadas para a cobertura jornalística em GZH e Folha de São Paulo ¹

Laurent de Lima Keller ²

Rejane de Oliveira Pozobon ³

Universidade Federal de Santa Maria - UFSM

Resumo

As enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul motivaram este estudo sobre a qualidade da cobertura jornalística quanto ao uso de fontes. Analisamos quantitativamente publicações de GZH e Folha de São Paulo sobre o tema feitas entre os dias 1º e 31 de maio de 2024. Dentre estas, selecionamos 17 matérias para verificar as diretrizes do Jornalismo Ambiental para eventos climáticos extremos. Os resultados revelaram que a cobertura não seguiu as recomendações para seleção de fontes, o que ressalta a necessidade de aprimorar o jornalismo para a cobertura de eventos climáticos extremos, que são cada vez mais frequentes e exigem uma abordagem jornalística mais eficaz.

Palavras-chave

Cobertura jornalística; evento climático extremo; enchentes no RS; fontes jornalísticas; jornalismo ambiental.

Introdução

Em maio de 2024, o Rio Grande do Sul (RS) foi atingido por volumes de chuva acima do comum, resultando em enchentes, destruições e perdas humanas por todo estado. Ao final desse mês, dia 31 mais especificamente, a Defesa Civil (2024) informou que, dos 497 municípios, 473 foram afetados de alguma forma pelas chuvas, mais de 39 mil pessoas estavam em abrigos e 580 mil desalojadas; 806 pessoas ficaram feridas, 44 estavam desaparecidas e 169 morreram; e mais de 77 mil pessoas e 12 mil animais foram resgatados. Ao todo, mais de dois milhões de gaúchos foram afetados, número bastante significativo considerando que o estado tem 11,3 milhões de habitantes. Consequentemente, a tragédia passou a ser pautada a todo momento no decorrer de maio, sob diversos recortes discursivos.

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior - 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Bacharela em Jornalismo formada pela UFSM em 2024. E-mail: laurent.keller@acad.ufsm.br

³ Orientadora do trabalho. Doutora em Ciências da Comunicação (Universidade do Vale do Rio dos Sinos). Professora Titular do Departamento de Ciências da Comunicação (UFSM). E-mail: rejanepozobon@gmail.com

A partir deste panorama, interessamo-nos em compreender de que forma os veículos de comunicação estavam cobrindo as enchentes de maio de 2024 no RS, a fim de verificar se o Jornalismo tem produzido tal tipo de cobertura de maneira qualificada ou se está havendo falhas em relação à qualidade deste segmento do Jornalismo Ambiental, considerando a ótica da cobertura de eventos climáticos extremos. Para este trabalho, observou-se especificamente o recorte da seleção de fonte para as matérias.

Cobertura jornalística de eventos climáticos extremos

Ao observarmos o acontecimento enchentes de maio de 2024 no RS e os desdobramentos que causou em diferentes âmbitos, é possível enquadrá-lo como um evento climático extremo, conforme conceitua Amaral, Loose e Girardi (2020, p. 27):

eventos extremos são considerados os grandes desvios de um estado climático moderado, sendo um aspecto integrante da variabilidade climática. Os principais tipos de fenômenos extremos podem ter causas naturais, bem como há registro de aumento na frequência e intensidade desses como resultado da mudança climática e de ações antropogênicas. Quando eventos extremos ocorrem em áreas vulneráveis ou de risco podem se transformar em desastres.

Conforme explicado pelas autoras, eventos climáticos extremos são causadores potenciais de desastres, tal qual aconteceu durante as enchentes: as cheias foram tão volumosas que atingiram áreas urbanas não preparadas para este tipo de ocorrência, provocando, conseqüentemente, estragos em residências, inutilização de espaços, perdas humanas, dentre outros prejuízos citados anteriormente neste trabalho.

Posto isso, analisar o tipo de acionamento de fontes para uma cobertura jornalística de eventos climáticos extremos exige que, primeiramente, compreendamos como a segmentação do Jornalismo Ambiental brasileiro tem instruído teoricamente a cobertura desse tipo de evento. Nesse sentido, Bueno (2007) indica que, para cobrir um evento climático extremo, é preciso apresentar uma abordagem plural e diversificada dos acontecimentos, por meio de fontes que representem uma variedade de visões e entendimentos acerca de um evento. No entanto, a construção de uma pauta a partir de diferentes vieses tem se mostrado como um desafio ao Jornalismo Ambiental, uma vez que, historicamente, esta segmentação surgiu

como um desdobramento do Jornalismo Científico, que, por sua vez, utiliza como base para escolha de suas fontes o nível de instrução acadêmica e técnica.

Além de fontes científicas que expliquem o funcionamento da fenomenalidade ocorrida e de fontes especializadas em abordar os desdobramentos do acontecimento em esferas diversas, para cobrir um acontecimento desastroso como as enchentes de maio são necessárias fontes que: tenham testemunhado o acontecimento, tenham sido vítimas do ocorrido, proponham soluções para os desastres provocados pelo evento em questão, dentre outras possibilidades. Afinal, o Jornalismo Ambiental “tem a ver com o dia-a-dia das pessoas e, na verdade, só faz sentido quando as inclui no debate, quando possibilita e promove a sua participação no processo de tomada de decisões” (BUENO, 2007, p. 37). Trazendo diferentes perspectivas para a pauta, torna-a de mais fácil compreensão aos leitores e os aproxima do ocorrido, evitando-se assim a “lateralização das fontes” (BUENO, 2007, p. 37), que corresponde justamente a essa redução a fontes que possuem currículo acadêmico especializado em áreas que abarcam visões técnicas do acontecimento, como meteorologia e afins. Inclusive, quando pensamos na cobertura jornalística de acontecimentos como as enchentes de maio, fontes testemunhais são de extrema importância, considerando seu papel de reconstruir o fato ao jornalista que redige a notícia sobre o ocorrido.

As fontes testemunhais são as mais produtivas no clímax do acontecimento por conjugarem informações detalhadas desde suas experiências com as emoções provocadas pelo sofrimento e as perdas vivenciadas (QUEVEDO; AMARAL, 2024, p. 185)

Contudo, os jornalistas devem ter um olhar sensível para saber identificar os limites para incluir relatos de testemunhas e reconstrução dos acontecimentos (QUEVEDO; AMARAL, 2024, p. 190).

Definição do *corpus*

Realizamos uma conceituação acerca do que caracteriza uma cobertura jornalística de evento climático extremo, para então partirmos para uma análise qualiquantitativa sobre a construção discursiva nos jornais GZH e Folha de São Paulo, com base no acionamento de fontes, em torno das publicações feitas entre os dias primeiro e 31 de maio de 2024.

Para escolhermos tais jornais, elencamos dois veículos de jornalismo com atuação *online* e relevância, tanto para a pauta em questão, quanto para a abrangência nacional. O Jornal GZH é o maior jornal do estado gaúcho e ocupa o quinto lugar no *ranking* nacional, enquanto a Folha de São Paulo desponta como o principal *site* de notícias brasileiro, com bastante discrepância para o segundo colocado⁴.

A fim de elencarmos somente notícias vinculadas ao nosso objeto de estudo, utilizamos como *tag* no buscador dos sites ‘chuva no RS’. Como resultado, na GZH encontramos 2676 publicações vinculadas às enchentes de maio, distribuídas em 18 editorias, enquanto na Folha de São Paulo foram publicadas 149 matérias, em 13 editorias. Por conta do número elevado de publicações, para análise qualitativa elencamos apenas uma parcela das publicações feitas para observação.

Escolhemos, ao todo, 17 matérias publicadas nos dois jornais selecionados para realizarmos uma análise qualitativa, sendo escolhidos textos publicados nas editorias voltadas ao meio ambiente, por compreendermos que é a mais relevante para tratar de temáticas vinculadas a eventos climáticos extremos; e nas editorias relacionadas a temas gerais e a columnistas, por serem as editorias com mais volume de publicação em ambos os jornais de análise. Elencamos uma publicação do início do mês, uma do meio e uma do final de maio para cada uma das editorias citadas em cada um dos jornais de análise, na tentativa de trazer notícias com perspectivas do início do acontecimento, seu auge e período de normalização. No caso da Folha de São Paulo, contudo, não foram encontradas publicações relacionadas ao meio ambiente ao final do mês.

Análise dos resultados

Para expormos os resultados da pesquisa de forma clara, organizamos os tipos de fontes acionadas nas publicações por editoria, de forma comparativa entre os veículos de comunicação estudados para este trabalho. As publicações de 1 a 9 correspondem à GZH e de 10 a 17 à Folha de São Paulo.

⁴ Segundo pesquisa de 2023 do Instituto Verificador de Comunicação (IVC), a Folha de São Paulo lidera o ranking dos jornais com maiores assinaturas *online*: o veículo possui 755 mil assinantes, número bem mais elevado que o segundo colocado (O Globo), que possui 347 mil. A GZH está em quinto lugar, com 114 mil assinantes virtuais. (PODER 360, 2024)

Colunistas

[Publicação 1 - Leite adota tom apocalíptico para mostrar gravidade da situação e pede que pessoas saiam das áreas de risco](#): a notícia opta por utilizar como fonte o governador Eduardo Leite e os dados passados pela Defesa Civil apenas, o que provoca deficiências informativas ao texto, do ponto de vista do Jornalismo Ambiental.

[Publicação 2 - Quais as cidades gaúchas apresentam maior vulnerabilidade climática](#): como fonte para o desenvolvimento da notícia, são usadas as informações do levantamento apresentado na matéria e da Ação Climática, iniciativa do Instituto Votorantim, que desenvolveu a pesquisa. Portanto, a falta de diversidade de fontes se faz presente nesta publicação.

[Publicação 3 - Área ainda por colher no Estado tem risco elevado de perdas pela situação climática](#): a publicação adota uma única fonte: o diretor técnico da Emater, Claudinei Baldissera. Por isso, a pauta se volta para os resultados numéricos dos estragos nas plantações, pois este é o assunto ao qual Baldissera tem conhecimento para discursar sobre. Se um produtor rural tivesse sido consultado para falar de seus prejuízos ou de que maneira está tentando solucionar o problema, a pauta já se faria mais completa.

[Publicação 10 - ‘O som da chuva é aterrorizante’: usuários das redes narram tragédia no RS](#): além dos usuários do X, que são acionados como fontes por meio da exposição de seus relatos na rede social, apenas o governador Eduardo Leite é utilizado.

[Publicação 11 - Paulo Pimenta, nomeado ministro extraordinário de reconstrução do RS, faz live sobre medidas no estado](#): como fontes, a matéria utiliza apenas o que é repassado no vídeo pelos ministros Paulo Pimenta, Renan Filho e Waldez Góes, impedindo que outros pontos de vista sejam considerados pela pauta, por meio de outras vozes.

[Publicação 12 - Quando o barulho da chuva dá medo](#): a publicação tampouco traz alguma fonte, é construída toda a partir das perspectivas da autora da coluna, que não possui especialização em Jornalismo Ambiental ou em qualquer outra segmentação do Jornalismo.

Meio ambiente

[Publicação 4 - "Ainda nesta noite, saiam das suas casas", diz Leite sobre moradores em áreas de risco no Vale do Taquari](#): as fontes da pauta são Eduardo Leite e o Serviço Geológico Nacional, demonstrando mais uma vez a fragilidade deste aspecto na cobertura desempenhada pela GZH, que não consegue trabalhar as pautas por meio de diversidade de perspectivas.

[Publicação 5 - Mancha avermelhada na Lagoa dos Patos pode afetar pesca e turismo na Região Sul por tempo indeterminado](#): a única fonte desta notícia é o coordenador do Laboratório de Oceanografia Dinâmica e por Satélites (Lods) da Universidade Federal do Rio Grande (Furg), Fabrício Sanguinetti, reforçando o que Wilson Bueno (2007) chama de lattelização das fontes, quando são consultados apenas indivíduos com alto conhecimento científico em uma área específica, impedindo que fontes com vivências diferentes sejam consultadas.

[Publicação 6 - “Se Porto Alegre fizer tudo que tiver que fazer, ainda assim está em risco”, avalia especialista em recursos hídricos](#): a escolha para fonte desta publicação, Carlos Bulhões, se destaca porque, ainda que seja somente uma, contribui para que a pauta atenda a uma série de aspectos que o Jornalismo Ambiental recomenda que se aborde ao falar de eventos climáticos extremos.

[Publicação 13 - Entenda a relação das mudanças climáticas com o desastre no RS](#): a pauta recai à lattelização das fontes (BUENO, 2007), ao utilizar três fontes pertencentes ao meio acadêmico, dentre eles: Paulo Artaxo, físico membro do IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas), vinculado à ONU, e pesquisador da USP; Carlos Nobre, climatologista pesquisador do Instituto de Estudos Avançados da USP e copresidente do Painel Científico para a Amazônia; e Marcelo Seluch, meteorologista coordenador no Cemaden (Centro Nacional de Monitoramento e Alertas de Desastres Naturais). O uso de três fontes em um único texto pode ser visto como um diferencial positivo, considerando que as demais publicações têm apresentado em média apenas uma ou duas fontes, porém seria importante que dentre as vozes discursivas, houvesse perspectivas que se diferenciasssem e, quem sabe, até divergissem em ideias. Assim, a discussão poderia ser mais rica em pontos de vista, mas neste caso temos três homens que pertencem ao meio acadêmico e entendem do acontecimento especialmente da perspectiva climatológica.

Quando o texto aborda que pessoas mais pobres são mais atingidas pelas alterações no clima, poderíamos ter obtido a opinião de um alguém das Ciências Humanas, explorando esse lado social do problema; ou até mesmo uma família que resida em área de risco, relatando suas vivências no local e anseios em relação à permanência nele.

[Publicação 14 - Chuvas fortes no RS ficaram 15% mais intensas que aquelas do final do século 20, diz análise](#): nesta publicação, são consultados cientistas de diferentes nacionalidades com vínculo à iniciativa ClimaMeter, que é uma plataforma desenvolvida pelo laboratório de ciências do clima e do ambiente da Universidade *Paris-Saclay*, na França. Outra fonte consultada foi Francisco Eliseu Aquino, climatologista e chefe do departamento de geografia da UFRGS. Assim como na publicação anterior, temos aqui a síndrome da lattelização das fontes, impedindo que diferentes pontos de vista sejam acionados discursivamente, haja vista que as fontes desenvolvem seus entendimentos sobre a temática abordada a partir do mesmo ponto de vista, o científico.

Geral

[Publicação 7 - RS tem pelo menos 10 mortos, 21 desaparecidos e mais de 4 mil fora de casa devido às enchentes](#): os dados apresentados pela Defesa Civil estadual, pelas prefeituras de Santa Cruz do Sul e Santa Maria, que compõem as fontes da matéria, em conjunto ao governador Eduardo Leite, via entrevista coletiva. Com as fontes citadas, por mais que sejam quatro diferentes “vozes”, elas seguem vieses parecidos, uma vez que todas repassam informações de modo institucional, já que são fontes ligadas às gestões estaduais e municipais. Por isso, consideramos que a pauta não explora pontos de vista diversos.

[Publicação 8 - Governo federal pagará R\\$ 5,1 mil por endereço afetado pelas enchentes](#): como fontes, o texto utiliza falas do presidente Lula, do ministro-chefe da Casa Civil, Rui Costa, o ministro da fazenda, Fernando Haddad, o governador do RS, Eduardo Leite, e o ministro extraordinário de Apoio à Reconstrução, Paulo Pimenta, que discursaram em entrevistas coletivas e solenidades especiais voltadas à questão da reconstrução do estado gaúcho. Além das fontes oficiais, uma vítima das enchentes, que teve sua residência alagada até o telhado, Alex Fortes, também foi entrevistado brevemente para a publicação. Dessa maneira, este texto é o que apresenta mais vozes, dentre as notícias adotadas para o *corpus* do trabalho, e possui certa diversidade, ao incluir a perspectiva de uma pessoa atingida pelas

cheias, para além das fontes que falam em nome do Estado brasileiro. Este é o trecho em que Alex participa: “Lula circulou por mais de uma hora por dois ginásios, pegou crianças no colo e ouviu relatos de quem teve de sair de casa às pressas quando a água avançou sobre a cidade: — Ele perguntou onde eu morava e disse que quando a água baixar vai construir casa para a gente — conta o atendente Alex Flores, 26, que teve a residência alagada até o telhado no bairro Vicentina e desde 4 de maio está alojado na Unisinos com a mulher e dois filhos pequenos”. Mesmo que seja uma inserção breve, já é positiva a participação do entrevistado, quando comparamos as demais publicações que sequer abriram espaço para fontes de perfil diversificado.

[Publicação 9 - FOTOS: ‘não veio uma autoridade para falar com a gente’, diz sobrevivente das cheias que vive às margens da BR-290](#): cinco fontes foram escolhidas para a pauta, o maior número dentre as matérias que compõem o *corpus* da pesquisa, sendo quatro vítimas diretas das enchentes, que perderam suas casas, e uma voluntária. Seus nomes são: Loreci Leal Santiago, Cleni Terezinha Pires, Sandra Ludwig, Milton Lemos do Nascimento e Andria Mazui. Ao contrário da tendência apresentada nas outras publicações, neste caso temos apenas vozes não oficiais, que trazem perspectivas semelhantes sobre o acontecimento. Então, assim como ocorreu nas demais notícias, há a falta de variedade de perspectivas. O ideal, do ponto de vista do Jornalismo Ambiental, é que as pautas tragam ao mesmo tempo fontes oficiais, atingidas pelas enchentes, científicas, dentre outras possibilidades articuladas em um mesmo texto.

[Publicação 15 - Temporais no RS deixam 10 mortos e 21 desaparecidos](#): quando observamos as fontes adotadas para o texto, deparamo-nos com a Defesa Civil, a prefeitura de São Sebastião do Caí, o governo estadual e a Força Aérea Brasileira, fontes oficiais, que atuam de perspectivas semelhantes: pública e institucional. Logo, mesmo que haja quatro fontes presentes no texto, elas não podem ser consideradas diversificadas.

[Publicação 16 - Nível do Guaíba fica abaixo dos 5 metros pela 1ª vez desde segunda-feira](#): o Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS, o Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet), o Painel Informativo da Prefeitura de Porto Alegre, o Departamento Municipal de Água e Esgoto (Dmae) e a Defesa Civil são adotados como fonte para a pauta.

Desse modo, há a reprodução do mesmo problema visto nas demais publicações: falta de diversidade de fontes.

[Publicação 17 - Tragédia no RS gera alerta para cidades brasileiras se prepararem para novos desastres](#): infelizmente, a publicação deixa de atentar para a presença de variedade de fontes, recaindo à síndrome da lattelização (BUENO, 2007), pois as fontes consultadas pertencem ao meio acadêmico, com exceção do governo estadual. Dentre as outras fontes, temos o arquiteto e urbanista William Mog, pós-doutorando na UFRGS; o engenheiro Carlos Tucci, professor aposentado do Instituto de Pesquisas Hidráulicas da UFRGS e diretor da empresa Rhama Analysis; a arquiteta Heleniza Campos, professora do Programa de Pós-graduação em Planejamento Urbano e Regional da UFRGS; e o meteorologista Giovanni Dolif, coordenador-geral substituto de Operação e Modelagem do Cemaden.

Considerações finais

Nossa pesquisa estudou como foi realizada a cobertura jornalística das enchentes de maio de 2024 no Rio Grande do Sul, da perspectiva do Jornalismo Ambiental, com o intuito de compreender se o acionamento de fontes estava alinhado às diretrizes desse segmento jornalístico e assim concluir se a cobertura está sendo feita de modo qualificado ou não. A escolha pelo tema deste trabalho se deu a partir da curiosidade em compreender de que maneira os veículos de comunicação, que em meados de maio estavam fortemente voltados a cobrir o acontecimento em questão, estavam realizando a cobertura de eventos climáticos extremos, por meio do nosso objeto de estudo, as enchentes de maio de 2024 no RS. Isso porque, nos últimos anos, acompanhar a cobertura de tragédias ambientais tem se tornado parte da rotina. Nesse sentido, é importante que a segmentação do Jornalismo Ambiental voltada à cobertura de eventos extremos se preocupe em observar o quão qualificadamente está cobrindo tais acontecimentos. Por isso, analisamos as estratégias adotadas pela GZH e Folha de São Paulo para cobrir as enchentes de maio, como forma de se obter um referencial para estudos futuros acerca dessa temática.

Como resultados, quanto ao perfil das fontes entrevistadas para as pautas, destaca-se o predomínio de fontes oficiais, como governantes, e científicas, como especialistas em climatologia, o que, da perspectiva do Jornalismo Ambiental, prejudica o bom desenvolvimento das pautas. Isso porque, na maioria das publicações analisadas, temos

apenas uma ou duas fontes, que representam uma única possibilidade de ponto de vista para o acontecimento. Desse modo, sugere-se que os veículos de comunicação se atentem para tentar diversificar seus bancos de fontes jornalísticas, para buscar alcançar a pluralidade de vozes que se propõe pela segmentação que cobre eventos climáticos extremos. De 17 publicações, apenas cinco trazem dois diferentes tipos de fonte, e nenhuma traz mais que dois tipos, reforçando a baixa diversidade de vozes comprovada pela pesquisa, conforme exposto abaixo.

Por meio do que foi exposto, entendemos que nosso trabalho cumpriu com seu objetivo de compreender a qualidade da cobertura de eventos climáticos extremos, da perspectiva do Jornalismo Ambiental, por meio do tipo de fontes que foram adotadas pelos veículos de comunicação analisados para cobrir as enchentes de maio de 2024 no RS.

O importante é que continue se pesquisando acerca dessa temática, para que, cada vez mais, os jornalistas estejam capacitados para realizar a cobertura de eventos climáticos extremos. Já que são fenômenos que, infelizmente, têm se tornado cada vez mais frequentes no Brasil e no mundo, sendo, consequentemente, importantes de serem pensados pela perspectiva do Jornalismo.

Referências

AMARAL, M. F.; LOOSE, E. B.; GIRARDI, I. M. T. **Minimanual para a cobertura jornalística das mudanças climáticas**. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2020. *E-book*.

BUENO, W. Jornalismo Ambiental: explorando além do conceito. **Desenvolvimento e Meio ambiente**, [S. l.], v. 15, 2007. DOI: 10.5380/dma.v15i0.11897. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/view/11897>. Acesso em: 25 out. 2024.

DEFESA CIVIL RS. **Defesa Civil atualiza balanço das enchentes no RS - 31/5, 9h**. 2024. Disponível em: <https://estado.rs.gov.br/defesa-civil-atualiza-balanco-das-enchentes-no-rs-31-5-9h>. Acessado em: 03 jun. 2024.

PODER 360. **Com assinatura barata, jornais turbinam digital em 2023**. 2024. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/com-assinatura-barata-jornais-turbinam-digital-em-2023/>. Acessado em: 30 mai. 2024.

QUEVEDO, J.; AMARAL, M. F. Os testemunhos na cobertura de um desastre socioambiental: papéis e potências para uma nova sensibilidade. **Mídia e cotidiano**, v. 18, n. 3, p. 183-205, 2024. DOI: <https://doi.org/10.22409/rmc.v18i3.63206>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/midiaecotidiano/article/view/63206>. Acesso em: 5 out. 2024.